

**SCULLY, STEPHEN. *HESIOD'S THEOGONY.*
FROM NEAR EASTERN CREATION MYTHS
TO PARADISE LOST. OXFORD: OXFORD
UNIVERSITY PRESS, 2015. XIV + 268 P., ISBN
9780190253967. \$90,00.**

O trabalho de Scully é um material relativamente heterogêneo que procura mapear desde paralelos entre a *Teogonia* de Hesíodo e textos do Oriente próximo até diversos momentos da recepção do poema grego, com ênfase nas leituras dos próprios gregos antigos. O autor nota que a difusão do texto da Antiguidade tardia em diante foi mais limitada, o que em parte justifica que os traços da recepção bizantina, medieval e renascentista sejam limitados a pouco mais de vinte páginas, no capítulo final (“Theogonic shadows”), em que a única figura moderna a ganhar um destaque um pouco maior é Milton. O tratamento um tanto apressado da recepção na Roma antiga (pp. 142-148) também deixa a desejar. Por outro lado, o livro tem o inegável interesse de procurar conectar diversos antecedentes e interpretações da *Teogonia*, provenientes de um amplo espectro cronológico, à instigante análise do texto grego oferecida pelo próprio Scully, em especial no capítulo II, que pode ser sintetizada na ideia de que o poema nos dá acesso a “um mito de criação da πόλις” (p. 30). Isto é, delineando uma interpretação peculiar da *Teogonia* como um poema que “narra [...] um movimento desde origens cósmicas até a criação da cultura e desde a ‘família’ até a ‘cidade’” (p. 1), o autor se propõe a expor como textos orientais mais antigos antecipam ou não elementos que fariam da *Teogonia* um “poema político”, bem como a verificar, entre os sucessores de Hesíodo (principalmente na Grécia arcaica e clássica), se leram o texto hesiódico de modo semelhante. Comparações com textos que talvez fossem contemporâneos (como os de Homero) também estão presentes. Passemos agora a ver como Scully distribui sua argumentação ao longo do livro, observando de passagem alguns pormenores que chamaram a atenção deste leitor.

O capítulo I (“Points of comparison: Hesiod and Homer; the *Theogony* and *Genesis*”) parte de um entendimento comum da *Teogonia* como um hino a Zeus, afirmando que se trata, em Hesíodo, de um deus “de justiça e boa

governança” (p. 14) e que um papel das Musas na ordem divina estabelecida pelo Cronida é o de fazer essa ordem chegar, através dos reis, aos humanos, permitindo a estes que libertem suas cidades de conflitos (pp. 3, 14). Para Scully, o Zeus de Homero ganha seu poder por sorteio (Il. 15.189-193), enquanto Hesíodo o apresenta como um soberano eleito pelos Olímpios (Th. 883-885), um rei ideal que divide seu poder (Th. 65-79) e cria um espaço livre de discórdias, conflitos e mentiras (Th. 782-785), ou seja, o Olimpo (p. 13). Por outro lado, observa o autor (p. 25), em contraste com o que se passa no *Gênesis*, nada na *Teogonia* é em seu início chamado “bom”: “κακόν (‘harm, evil’) exists long before anything expressed by the prefix ἐύ- (‘well’). [...] Goodness comes late and is hard-won”. O momento em que a distinção entre o bem e o mal é possível é criado pela ingestão de Métis por parte de Zeus (pp. 19, 27). Zeus, contudo, não pode mudar a natureza, apenas criar um lugar fechado (Th. 37, 51, 408) e separado das forças turbulentas da natureza, onde se pode viver de acordo com leis e costumes nobres (Th. 66). Esse espaço, o Olimpo, seria o modelo da “orientação cívica” da *Teogonia*. Além de evitar aspectos da natureza como, digamos, aqueles expressos pelos “termos políticos *Eris* e *Neikos*” (p. 6), Zeus também precisa superar a oposição feminina a seu poder – representada, por exemplo, por Gaia, não obstante o autor reconheça que a Terra também ajuda Zeus em diversas ocasiões (p. 192, n.15). Scully explicita aí uma inspiração freudiana que enxerga a mulher como representação dos interesses da família e da vida sexual e de instintos primevos que são sacrificados às exigências da civilização (p. 5). Donde conter o livro uma certa recorrência de passagens que enfatizam problemas de gênero ao lidar com Zeus e as personagens femininas do texto hesiódico. Esses são os momentos do trabalho de Scully em que ele parece menos seguro da imagem positiva de Zeus que se empenha em desenhar (ver, entre outras, a p. 33). Tais trechos também relativizam a estabilidade do governo do Olimpo (por exemplo, na p. 42, que comenta sobre a *eris* nutrida por Hera em relação a seu marido, como descrito em Th. 928).

O capítulo II (“*The Theogony*”) aprofunda alguns dos argumentos acima, de forma a defender a tese de que “a realização de Zeus não é cósmica, mas política; não da natureza, mas separada dela” (p. 38). Para Scully, Hesíodo faz uso de personificações num grau que não se constata em outros antigos mitos de criação mediterrâneos. São exemplos *Eris*, *Logoi*, *Bia* e *Dike*. Em muitos casos, o poeta parece ter sido o primeiro a dar o caráter de divindades a tais abstrações, de modo a usar “a técnica da personificação para reunir os blocos construtivos da argumentação lógica, transformando uma estória mítica em algo que se aproxima da ciência política e da alegoria política” (p. 30). O autor explica que algumas palavras empregadas pela *Teogonia* na descrição do Olimpo apontam para características da pólis, como seria o

caso de εἶραι (Th. 804), que um escólio à passagem diz ser um termo eólico para ἀγοραί ou ἐκκλησίαι (p. 32). Scully nota, sobre Th. 80-93, que em nenhum outro trecho da literatura grega os reis aparecem tão intimamente ligados às Musas (p. 40). Essa passagem vem logo depois de uma descrição de “inovações políticas” do Olimpo, o que, para os gregos da época em que a pólis estava se desenvolvendo, deve ter sido objeto de reflexão e pode mesmo ter constituído uma espécie de modelo (pp. 39-40). Na visão de Scully, a ideia da *Teogonia* como poema político se contrapõe, ao menos em parte, à leitura do texto como poema cósmico (pp. 37-38): “Se a *Teogonia* dissesse respeito a um Zeus capaz de integrar todos os aspectos do mundo em alguma forma de ordem cósmica, deveríamos então esperar que ele encontrasse uma maneira de atribuir funções e reinos à Noite e à prole desta”. Mas isso estaria além do alcance de seu poder. Ainda nesse capítulo, a partir da p. 41, Scully trata dos “casamentos” de Zeus, processos que encontram na submissão do poder feminino um instrumento para domar ou redirecionar o poder gerador (mas anárquico) de Eros (pp. 43-44).

O capítulo III (“The *Theogony* and Eastern parallels: city-state succession myths:”) concentra-se nos muitos paralelos entre a *Teogonia* e textos do Oriente próximo, especialmente testemunhos das esferas acadiana, hitita-hurrita, fenícia e egípcia. Scully faz breve discussão do *status quaestionis*, assinalando a evidente dificuldade de se explicar o porquê dessas semelhanças e como exatamente essas histórias circulavam no Mediterrâneo antigo, especialmente considerando que, embora haja evidência de que existiram indivíduos bilíngues que dominavam, por exemplo, o acadiano e o ugarítico, ainda não haveria, para o período de Hesíodo e os anteriores, prova material de bilinguismo envolvendo o grego e qualquer um dos outros idiomas em questão (p. 51). O texto a ganhar mais destaque no capítulo é o babilônico *Enûma eliš* (pp. 55-63), pois possui diversos aspectos que interessam ao foco escolhido pelo livro, como um mito de fundação da cidade, uma narrativa de partilha de honras entre os deuses e, não menos importante, um conflito de gêneros associado à criação do mundo e da civilização, expresso de modo impactante na narrativa do domínio de Marduk sobre Tiamat, em que esta é morta por aquele e tem seu corpo utilizado para formar o cosmos. Para Scully, Tiamat corresponde a uma “força que ameaça levar o mundo de volta ao caos primordial”: a morte e o reaproveitamento do corpo da deusa “tornam possíveis o mundo e a cidade” (p. 61).

O mais extenso dos capítulos é o IV (“The *Theogony* in the Archaic and Classical periods”: pp. 69-121). Scully cita Sólon e Alceu, entre outros, para sustentar a tese de que no primeiro quartel do século VI a.C. já haveria um reconhecimento claro de Hesíodo como uma voz de características bastante particulares, ainda que seja possível detectar, aproximadamente na mesma época, o tratamento de Hesíodo e Homero como um par homogêneo (pp.

72-74). Uma seção sobre os hinos homéricos (pp. 78-86) afirma que os quatro hinos longos *A Deméter*, *A Apolo*, *A Hermes* e *A Afrodite* têm em seu cerne “como cada deus recebeu sua porção” (h.Hom. 4.428) e que “cada um confirma e complementa a visão de Hesíodo de um Olimpo harmonioso”, apesar de que tais textos também trazem complicações dessa imagem (p. 79). A recepção eminentemente política da obra de Hesíodo em Sólon (evidente sobretudo no fr. 4 West) é explanada em seguida (pp. 86-89). Não faltam algumas páginas sobre os pré-socráticos (pp. 89-96) e Píndaro (pp. 97-99). Muitos dados aqui são compilação, sem maiores desenvolvimentos, de outros livros recentes, como o de Hugo H. Koning, *Hesiod: the other poet. Ancient reception of a cultural icon*. Leiden; Boston: Brill, 2010, embora em um momento-chave (p. 87) Scully assinale sua discordância com Koning: enquanto este entende que o texto de Hesíodo tem em seu horizonte um mundo anterior à pólis, tendo sido lido como autor relevante para a cidade-estado de forma um tanto anacrônica, aquele compreende, como sugerimos acima, que o poeta da *Teogonia* “dirige-se às condições da pólis emergente” (p. 89).

Ainda no capítulo IV, Scully dedica-se a comentar a *Oresteia* de Ésquilo (pp. 101-107), afirmando que tanto nessa trilogia trágica quanto na *Teogonia* representa-se “uma nova concórdia obtida pela invenção da governança compartilhada e de novas formas de persuasão” e que em ambas as obras “tal concórdia tem uma expressão musical” (p. 107). As páginas 111-118 são consagradas a Platão, em cuja *República* Scully vê fundamentos hesiódicos para a imagem de “uma harmonia estável específica do espaço da pólis, onde a justiça prevalece em detrimento das leis biológicas, das identidades da família e de um Eros anárquico” (p. 118).

No capítulo V (“Echoes of the *Theogony* in the Hellenistic and Roman periods”), Scully assevera que na época de maior concentração do poder dos Ptolomeus e dos imperadores romanos, o retrato hesiódico de um Zeus que obtém o poder por meio do compartilhamento deste com outros não encontrou grande ressonância (pp. 122, 151). Ao comentar o *Hino a Zeus* de Calímaco, por exemplo, o pesquisador especifica que o poeta helenístico reconhece que o deus alcançou o poder por mérito, não por sorteio, mas que a ênfase dada por Calímaco à força de Zeus ignora certos aspectos da descrição hesiódica desse processo (p. 130). Numa seção sobre a filosofia e a religião do período alexandrino (pp. 132-137), Scully nota como no *Hino a Zeus* de Cleantes o deus é o onipotente e invencível fundador de toda a natureza, governante de tudo o que é criado e divindade da razão (p. 134). Mais adiante, comenta-se que em Diodoro Sículo (no livro 6 de sua *Biblioteca histórica*) há duas versões para a ascensão de Zeus, uma que remonta a Evêmero e outra de cariz mitológico, mas que ambas atribuem a Zeus um papel civilizador muito semelhante àquele que Scully atribui ao

Zeus da *Teogonia* (pp. 138-139). Em um trecho sobre as artes plásticas da época (pp. 139-141), o autor discute principalmente o famoso altar de Zeus em Pérgamo encomendado por Eumenes II, que representa uma batalha na qual os Olímpios se aliam contra os Gigantes e a Terra. As imagens desse impressionante friso escultórico podem estar baseadas numa alegoria estoica da Teogonia em que um Zeus todo-poderoso unifica o cosmos, mas ao mesmo tempo devem celebrar as vitórias de Eumenes II sobre diversos adversários.

A parte sobre a recepção latina da *Teogonia*, como indicado acima, poderia ter recebido um tratamento mais extenso. Scully destaca, com razão, a importância de Virgílio e Ovídio entre as leituras romanas de Hesíodo, mas tendo em vista a riqueza da análise fornecida por um Philip Hardie, *Virgil's Aeneid: cosmos and imperium*. Oxford: Clarendon Press, 1986, livro cujo tema seria tão relevante para Scully, as observações do trabalho aqui resenhado passam a impressão de superficialidade. Há, contudo, alguns comentários interessantes (mesmo que breves) sobre a recepção de Hesíodo em Lucrécio (p. 143) e Manílio (pp. 147-148).

Conforme observamos no início, o último capítulo (“Theogonic shadows: Byzantine, Medieval and Renaissance, Milton’s *Paradise Lost*”) passa em revista os parcos sinais da recepção hesiódica identificados pelo autor nos períodos em questão, mas faz uma valoração justa dos ecos hesiódicos na poesia de Milton. É de se imaginar que outros autores modernos poderiam ter recebido atenção equivalente (penso, um pouco ao acaso, num nome como o de William Blake).

As notas de fim ocupam dezenas de páginas e contêm muitas informações importantes. O livro ainda apresenta extensa bibliografia e um índice de temas (por exemplo, a entrada “chaos”, na p. 263, é útil para recuperar as concepções discutidas ao longo do trabalho, que vão desde interpretações antigas do *Khaos* hesiódico à teoria física contemporânea). A qualidade editorial do livro, todavia, parece um pouco abaixo do padrão da Oxford University Press. Há uma certa quantidade de gralhas (por exemplo, p. 124: “Erasthethenes”) e mesmo erros mais sérios (p. 217, n. 133, em que duas vezes confundem-se “Proclus” e “Prodicus”; p. 225, n. 77, em que há problema de redação, provavelmente por falta de uma palavra).

No geral, o livro tem vícios e virtudes comuns em panoramas dessa natureza: inevitavelmente, alguns tópicos ficam superficiais (outro exemplo está na parte em que se discutem as relações entre Hesíodo e Teócrito nas páginas 130-131), mas a multiplicidade de contextos culturais e autores abarcados propicia um vislumbre do poder extraordinário de um texto como a *Teogonia*. O trabalho é um relevante acréscimo a uma bibliografia sobre a recepção de Hesíodo que vem crescendo em ritmo acelerado nos últimos anos. Para além dessa linha de estudos, considero que a leitura pessoal de

Scully, focada na dimensão política do poema hesiódico e das narrativas sobre deuses, é uma guinada bem-vinda, para não dizer necessária.

Alessandro Rolim de Moura

Universidade Federal do Paraná

alessandro.rolimdemoura@gmail.com

Recebido: 07/01/2018

Aceito: 08/01/2018

© rev. estud. class.

Campinas, SP

v.17n.2 p.319-324

jul./dez. 2017